

CROSS, Peter; DENNIS, Chris; JULIAN-JONES, Melissa and SILVESTRI, Angelo, eds.


*Episcopal power and personality in Medieval Europe, 900-1480*

Turnhout: Brepols, 2020, 305 p. ISBN: 978-2-503-58501-0

FRANCESCO RENZI

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.11588>

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-9470-3457>

Como sublinhado na introdução (p. 1-15 e em particular p. 3), a origem do volume está ligada à conferência de 2015 intitulada *Episcopal Personality* e às reflexões desenvolvidas no livro *Episcopal Power and Local Society in Medieval Europe, 900-1400*, publicado por Brepols na mesma série deste volume. A presente obra tem o objetivo de explorar a possibilidade de conhecer melhor a personalidade dos bispos da Europa Medieval através da análise das fontes, do *background* cultural, pessoal e social, dos bispos e das políticas que atuaram ao longo dos próprios pontificados. Trata-se, sem dúvida, de uma perspetiva menos abordada pela historiografia tradicional. O volume divide-se em três partes; a primeira dedicada à construção das personalidades dos bispos (*Constructing Episcopal Personalities*); a segunda focada na relação entre bispos, santidade e pastoral (*Consecrating Episcopal Personalities*); a terceira parte é centrada na relação entre as políticas episcopais e as personalidades dos bispos (*Politics and Episcopal Personalities*).

A primeira seção do livro conta com algumas interessantes reflexões sobre as atribuições carateriais dadas aos bispos nas fontes da Europa Central e Oriental. A. V. Neyra (*The Destruction of the Church: On Bishops, Emperors, Slavs, and Ambitions in Thietmar of Merseburg's Chronicle, 975–1018*), por exemplo analisa no seu ensaio a história da diocese de Merseburg, elaborada pelo bispo Thietmar (1009-1018) no seu *Chronicon*, em que o bispo atribui à excessiva ambição do seu predecessor Geselher (971-981) a destruição da diocese de Merseburg. A *hybris* de Geselher levou o bispo à corrupção, à gestão por interesses pessoais do património eclesiástico e ao descuido dos seus deveres de pastor, ao ponto de comparar os danos de Geselher aos ataques às igrejas e aos valores cristãos do reino de Alemanha, infligidos pelos pagãos eslavos no século X. O retrato do bispo, dramatizado por Thietmar, também em função da sua ação episcopal em Merseburg, deixa ver como na mentalidade do cronista o empenho e compromisso do bispo à sua diocese é um traço fundamental para um bom eclesiástico (p. 21-23; 26-31). Muito interessante é também a perspetiva traçada nas fontes de área polaca, estudadas por R. Kotecki e J. Maciejewski (*Writing Episcopal Courage in Twelfth-Century Poland: Gallus Anonymus and Master Vincentius*), na representação dos bispos em relação aos valores clássicos da aristocracia militar. Por um lado, o estudo evidencia como o cronista *Gallus* no início do século XII descreve geralmente os bispos como homens sem coragem, astúcia ou capacidade militar (atribuições tipicamente cavaleirescas e masculinas), mas dotados de habilidades políticas e diplomáticas, através da oração para ganhar o favor de Deus, qualidade que lhes garantia um lugar especial na sociedade. Por outro, o mestre *Vincentius*, um século mais tarde, também por meio de uma releitura de episódios narrados por *Gallus*, representa de maneira mais variada os bispos polacos, que com coragem e esperteza defendem os valores cristãos, mesmo se estes traços caracteriais sejam expressados de forma diferente da aristocracia militar

(p. 40-46; 48-53; 56). Os outros três ensaios desta primeira seção tentam mostrar como o estudo da política, da formação cultural e do interesse artístico podem dar novos indícios sobre a personalidade dos bispos medievais. A. Antonetti (*The Personalization of the Pastoral Office: The Example of William II of Troia*) sublinha a forte e competitiva personalidade do bispo Guilherme II de Troia na Itália meridional, evidenciada pela sua capacidade política de recuperar e reorganizar o património da sua diocese, pela oposição aos normandos, contra os quais procurou o apoio de Roma, e pela rivalidade com a sede de Benevento (p. 67-68; 70-72; 74; 76-77). C. Axen (*Life of the Mind: The Education, Intellectual Legacy, and Personality of Bishop Zoen Tencarari of Avignon, r. 1241–1261*) concentra-se, por sua vez, na figura do bispo de Avinhão Zoen Tencarari. Em muitos casos considerada como uma figura dura e arbitrária na sua atividade de bispo, C. Axen mostra pelo contrário uma figura empenhada profundamente pelo bem da Igreja, preocupada com a formação do clero e rigorosa intelectualmente, característica que derivava do seu duríssimo percurso de estudo e a sua grande reputação académica no século XIII (p. 84; 85; 88-90; 93-94; 97). Por fim, o ensaio de M. López-Mayán (*Alfonso Carrillo de Acuña, Archbishop of Toledo (1446–1482), and the Construction of his Cultural Personality: An Approach from his Liturgical Manuscripts*) sublinha como o estudo dos manuscritos litúrgicos (combinado com a análise das miniaturas, tradicionalmente dois aspetos analisados separadamente) do arcebispo de Toledo Afonso Carrillo de Acuña é uma potencial chave de leitura para perceber o gosto artístico e cultural e a posição na sociedade castelhana deste bispo do século XV, que fez realizar obras com influências europeias, mas adaptadas ao contexto local (p. 102; 104-111; 113-114).

A segunda seção do livro é composta por quatro ensaios. O primeiro é o trabalho de M. Belucz (*Composing a Saint: The Importance of Gerard of Csanád, 977–1046*), em que se analisa a complexa figura de São Gerardo de Csanád. O estudo evidencia, através da análise das duas hagiografias sobre Gerardo, redigidas entre o início do século XII e o século XIV, como o santo, originário da aristocracia veneziana, seja um caso único dentro do reino de Hungria medieval, uma figura em que confluem vários modelos de santidade: o asceta; o eremita que foge do mundo; o missionário; o preceptor régio e religioso sábio que desmente as teses heréticas de Bogomil; o bispo empenhado em primeira linha na conversão e na cristianização dos pagãos; o mártir. A canonização de Gerardo de Csanád em 1083 assumiu, portanto, um valor importantíssimo para o reino húngaro, dado que a promoção do seu culto deu prestígio aos reis e reforçou a imagem deles como defensores da Cristandade (p. 126-135).

J. Cunningham (*‘That we might be made God’: Pseudo-Dionysius and Robert Grosseteste’s Episcopal Career*) analisa a relação entre o bispo de Lincoln Robert Grosseteste (século XIII) e as obras do Pseudo-Dínis Areopagita. Como no ensaio de C. Axen, a investigação sobre a formação cultural dos bispos ajuda a contextualizar melhor as ações levadas a cabo por eles nas dioceses, em muitos casos recebidas negativamente pelos contemporâneos e também por parte da historiografia. O estudo evidencia como Robert Grosseteste, mais que o eficiente administrador diocesano, foi sobretudo um homem de grande cultura, um teólogo e um pastor pela sua comunidade. Robert Grosseteste foi particularmente influenciado na sua ação de bispo pelo conceito de *theosis*, traduzido por J. Cunningham como “divinização”, um termo que não indicava só a procura da pureza ascética, mas também a vontade de empenho no mundo para melhorá-lo, ideia que guiou a ação do bispo de Lincoln (p. 142-144; 149-153; 156).

---

O trabalho de I. L. Bass (*England's Two Thomases: Episcopal Models of Sanctity Embodied in Thomas Becket and Thomas de Cantilupe*) analisa a evolução dos modelos de santidade no reino de Inglaterra na Idade Média. O ensaio concentra-se no estudo das figuras de São Thomas Becket, um culto internacional, e de São Thomas de Cantilupe, um culto mais local ligado à Inglaterra e País de Gales. I. L. Bass põe em evidência como da visão de santo ideal de Thomas Becket – visto como o bispo que se bate pelos fiéis e a Igreja contra o rei e os varões –, se passa a um tipo de santidade simbolizada por Thomas de Cantilupe, que, mesmo se semelhante a Becket, representa mais uma figura de mediação entre a aristocracia e o clero do reino (p. 159-163; 165-173; 175).

Esta segunda seção conclui-se com a interessante contribuição de S. L. Nilsson (*Promoting or Rejecting the Saints: The Representation of Non-Saintly Bishops in Medieval Scandinavian Hagiography*) que analisa as tipologias de descrição dos bispos “não santos” nas hagiografias de área escandinava. S. L. Nilsson individualiza quatro grupos principais; os bispos com um mau comportamento que não reconhecem o santo ou não respeitam a hierarquia eclesiástica na promoção do culto; os bispos promotores do culto; os bispos que escrevem as hagiografias (controle, promoção do culto e instrumento de propaganda); os bispos com traços caracteriais ambivalentes. Esta última categoria é sem dúvida a mais complexa, em que S. L. Nilsson sublinha como por um lado os traços caracteriais podiam definir um bispo positivamente (calma, compaixão, preocupação com o bem-estar do clero e dos fiéis) ou negativamente (ira, egoísmo, ambição de carreira), mas, por outro, podiam ser ambíguos. Por exemplo um bispo que convencia um santo a não partir para evangelizar outros lugares podia ser visto ao mesmo tempo como manipulador ou promotor do mesmo santo e da sua ação salvífica (p. 183-197).

O estudo de S. Janssen (*A Pattern of Alternating Interests: The Peace of God in the Archdiocese of Reims in the First Half of the Eleventh Century*) abre a terceira parte. S. Janssen foca-se na investigação das Pazes de Deus na arquidiocese de Reims na primeira metade do século XI. Através de uma análise detalhada de quatro assembleias (Compiègne 1023-1024; Oudenaarde 1030; Arras-Cambrai, 1036; Thérouanne, 1042-1043), o artigo avança um modelo interpretativo para as Pazes de Deus, que com ciclos regulares de seis anos, não simplesmente resolviam problemas pontuais, mas tinham uma grande importância na redefinição dos equilíbrios e das alianças locais tanto eclesiásticas como políticas (pp. 207-219).

B. A. Pavlac (*Personality of Prelates between Church and Empire: The Example of Albero of Trier (1131–1152)*) foca-se nas possibilidades de investigação sobre a personalidade dos bispos na Alemanha medieval. A investigação mostra três modelos principais. O primeiro é o modelo do príncipe/soldado representado por Albero de Montreuil bispo de Tréveris (1131-1152), empenhado na defesa dos direitos da sua diocese contra os bispos simoníacos e as usurpações do poder civil. O segundo é o modelo do santo encarnado por Norberto de Xanten arcebispo de Magdeburgo (1126-1134), fundador dos Premonstratenses (canonizado em 1582), perfeito exemplo de ascese e valores cristãos. Por fim, o modelo do intelectual representado pelo bispo Otto de Frisinga (1138-1158). O ensaio evidencia também que a longo prazo os modelos vencedores foram os de Norberto de Xanten e Otto de Frisinga (pp. 228-239).

O terceiro ensaio de A. D. Buck (*A True History of Deeds Done beyond the Sea? William of Tyre and the Principality of Antioch*) investiga os múltiplos traços da personalidade de Guilherme de Tiro, um autor fundamental para o conhecimento do Reino de Jerusalém e dos territórios

de *Outremer* no século XII. A. D. Buck individualiza três aspetos fundamentais na personalidade de Guilherme de Tiro: o cidadão de Jerusalém que defende a sua pátria; o jurista que defende a legalidade e as corretas práticas jurídicas (em particular nos casos de sucessão e lutas pelo poder); o diplomático que procura o equilíbrio entre os reinos latinos e Constantinopla e o apoio militar e económico dos imperadores bizantinos para defender Jerusalém e Antioquia (p. 253-260).

K. C. Lincoln (*'It pleased the Lord Bishop': Episcopal Agency and Cathedral Chapter Reform in the Kingdom of Castile at the End of the Long Twelfth Century, c. 1195–1205*) ocupa-se das políticas de reforma dos cabidos catedralícios efetuadas pelos bispos de Osmá, Cuenca e Sigüenza em Castela entre finais do XII e princípios do século XIII. K. C. Lincoln mostra como esta obra de reorganização não foi ditada só e exclusivamente por razões económicas, mas por profundas razões espirituais e de moralização dos hábitos (por exemplo a questão do concubinado ou a introdução de cônegos regulares nos cabidos), uma obra em que os bispos tiveram um papel essencial e que se considerava fundamental também para o sucesso e a saúde do reino de Castela. O ensaio sublinha como é difícil perceber as personalidades dos bispos atrás das reformas, mas o empenho e a satisfação deles, são um indício da convicção da própria ação (p. 273-278; 280). Finalmente, P. Webster mostra através dos exemplos, entre outros dos bispos de Winchester, Norwich, Carlisle e Durham, como a proximidade destes eclesiásticos ao rei João “Sem-Terra” (+1216) lhes custou uma péssima reputação nas fontes, mas, para além desta representação como personalidades negativas, o estudo dos documentos revela como quase todos foram bispos capazes, pastores dedicados e bons administradores (*A Poisoned Chalice? Crown, Church, and Reputation in the Careers of King John's Bishops*, p. 297-298).

Em conclusão, este é volume é certamente uma validíssima contribuição para o conhecimento da figura do bispo na Idade Média (vejam-se as detalhadas bibliografias colocadas após cada artigo) e com a mais valia de tentar uma abordagem inovadora. Mesmo com a consciência dos limites impostos pela natureza das fontes medievais para este tipo de análise, esta perspetiva pode estimular os historiadores que trabalham sobre outras áreas e cronologias a ler as fontes de outro ângulo. Dada a importância da figura dos bispos dentro da Igreja medieval, teria sido interessante aprofundar (como faz oportunamente K. C. Lincoln no seu ensaio sobre o termo “reforma” referido aos cabidos catedralícios, p. 267) o significado dado a expressões como “*libertas ecclesiae*” (termo cujo significado mudou ao longo do século XI)<sup>1</sup>, “partido reformista”, “reformador” (no sentido de “reforma gregoriana” ou “gregoriano?”), utilizadas ao longo do livro em contextos e cronologias muito diferentes até ao século XIII (veja-se por exemplo as pp. 44; 56; 67; 162-164; 170). Trata-se de um ponto muito importante, porque a historiografia desde G. Tellenbach tem criticado as interpretações tradicionais sobre a *Reforma* do século XI, evitando concentrar todo este processo na figura de Gregório VII (1073-1085) e individualizando etapas distintas, muito diferenciadas e não teleologicamente organizadas da transformação da Igreja medieval, o que implica uma utilização muito circunstancial da terminologia supramencionada<sup>2</sup>. Dito isto, este é sem dúvida um livro para ler.

1 Veja-se o volume *Riforma o restaurazione? La cristianità nel passaggio dal primo al secondo millennio: persistenze e novità*. Negrine di San Pietro in Cariano (VR): Il Segno di Gabrielli Editore, 2006.

2 Vejam-se por exemplo as considerações de CUSHING, Kathleen G. - *Reform and the papacy in the eleventh century: spirituality and social change*. Manchester-New York: Manchester University Press, 2005, p. 33-34.